

ENTRE LINHAS E POÉTICAS: O BORDADO COMO PRÁTICA ARTÍSTICA DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

BETWEEN THREADS AND POETICS: EMBROIDERY AS A DECOLONIAL ARTISTIC PRACTICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Kelvim Kister

Graduado em Artes Visuais
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: kelvimkisterart@gmail.com
ORCID: 0009-0006-2796-2877
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7351243933604116>

Lorena Valiate

Graduada em Artes Visuais
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: lorenadbvaliate@gmail.com
ORCID: 0009-0007-6731-0897
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7669912495289258>

Resumo:

O artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido por três meses durante o estágio docente, com uma turma de crianças pequenas, discutindo o bordado como prática artística decolonial na Educação Infantil. Tivemos como objetivo investigar como o bordado, tradicionalmente ligado ao universo feminino e doméstico, poderia se tornar uma prática crítica-reflexiva e inclusiva dentro da sala de atividades, ampliando o repertório estético e sensível delas, partindo de dois artistas contemporâneos e capixabas: Rick Rodrigues e Lorena Valiate. A metodologia pautou-se em uma abordagem teórico-crítica e decolonial, fundamentada em bell hooks (2013) e no conceito do professor andarilho de Martins e Picosque (2012), para problematizar ações pedagógicas tradicionais e transformar o bordado em uma prática artística e política no ambiente escolar. Como resultado, foi possível perceber que as crianças responderam com entusiasmo, autonomia e concentração à proposta didático-pedagógica, que as propostas auxiliaram na ampliação de seus repertórios motor e cultural, bem como no envolvimento consciente no universo artístico. Conclui-se que, o ensino de arte, quando pautado pela escuta, abertura e ruptura do ensino tradicional, torna-se uma potência para construir uma educação mais humana, crítica e sensível.

Palavras-chave: Bordado. Arte Contemporânea. Arte Educação. Educação Infantil.

Abstract:

The article presents a report of an experience developed over three months during the teaching internship, with a group of young children, discussing embroidery as a decolonial artistic practice in Early Childhood Education. Our objective was to investigate how embroidery, traditionally linked to the feminine and domestic universe, could become a critical-reflective and inclusive practice within the classroom, broadening their aesthetic and sensitive repertoire, based on two contemporary artists from Espírito Santo: Rick Rodrigues and Lorena Valiate. The methodology was grounded in a theoretical-critical and decolonial approach, based on bell hooks (2013) and the concept of the wandering teacher by Martins and Picosque (2012), to interrogate traditional pedagogical actions and transform embroidery into an artistic and political practice in the school environment. As a result, it was possible to see that the children responded with enthusiasm, autonomy, and concentration to the pedagogical proposal, which helped expand their motor and cultural repertoires, as well as their conscious involvement in the artistic universe. It is concluded that art education, when based on listening, openness, and breaking away from traditional teaching, becomes a powerful means to build a more human, critical, and sensitive education.

Keywords: Embroidery. Contemporary Art. Art Education. Early Childhood Education.

1 Nós

O ensino de Arte na Educação Infantil envolve mais do que práticas didáticas e pedagógicas convencionais; adentra o campo da política, da cultura, da ética e das questões sociais. Durante a formação em licenciatura em Artes Visuais, compreendemos a relevância de inserir a arte contemporânea no contexto educativo, especialmente por seu potencial de provocar reflexões e ampliar repertórios. Contudo, esse mesmo potencial pode gerar dúvidas e inseguranças, sobretudo quando temas considerados “delicados” — como gênero, sexualidade, etnia e religião — atravessam a prática pedagógica, principalmente no trabalho com crianças pequenas.

Essas tensões evidenciam a necessidade de refletir criticamente sobre o que é considerado legítimo no currículo escolar e sobre quais narrativas permanecem invisibilizadas. Afinal, o que pode e o que não pode ser ensinado para crianças? Há perigo em ensinar arte contemporânea para crianças pequenas? Essas inquietações, tornaram-se ponto de partida deste artigo, que apresenta nosso relato de experiência vivenciado durante um período de três

meses de estágio docente, com uma turma de crianças de quatro anos de idade, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) na região metropolitana de Vitória - Espírito Santo.

Nossa proposta de intervenção didático-pedagógica explorou a prática do bordado, tradicionalmente associada ao fazer feminino e doméstico, porém, ressignificada como uma linguagem artística de viés potente, afetiva e inclusiva. Para isso, a escolha de dois artistas capixabas contemporâneos foi de extrema importância: Rick Rodrigues que leva o bordado para diversos suportes expressando sua poética em bordados que se traduzem em amor, afeto, cuidado e delicadeza com cores vivas; e Lorena Valiate, artista que borda borboletas, flores, animais e outros elementos da natureza em folhas secas, numa proposta que une arte, sensibilidade e consciência ambiental. Apresentar esses artistas ao repertório das crianças é uma forma de romper com a idealização elitista da arte e do artista distante e intocável, visando uma abordagem decolonial que reconhece os saberes locais também como legítimos e emancipatórios.

Esta reflexão se ancora em autoras como bell hooks¹ (2013), que no seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, propõe uma pedagogia comprometida com a liberdade e a escuta. Corroborando com este pensamento, Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque (2012), na obra “Mediação cultural para professores andarilhos na cultura”, pensam o professor como mediador sensível em trânsito pelas culturas. Assim, buscamos pensar o ensino da arte como prática poética, política e decolonial, especialmente quando se propõe a escutar e visibilizar as infâncias em suas múltiplas expressividades, pois como ressalta bell hooks (2013, p. 188), “para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos”.

O desenvolvimento do projeto foi estruturado em três momentos principais. No primeiro, os artistas foram apresentados às crianças que puderam conhecer algumas de suas obras. Essa etapa inicial configurou-se como um

¹ [...] O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egoica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa. Disponível em: https://prefeitura.sp.gov.br/web/cultura/w/bibliotecas/catalogo_eletronico/dicas_de_leitura/3497 3. Acesso em: 18 jun. 2025.

momento estético e estésico, pois envolveu a apreciação visual e o contato direto com os bordados de Lorena, permitindo que as crianças não apenas observassem, mas também tocassem e sentissem as texturas, reagindo com curiosidade, encantamento e expressões espontâneas diante das obras.

Em um segundo momento, propusemos atividades práticas de bordado e alinhavo, incentivando a criação de composições com linhas coloridas. Por fim, elaboramos um material educativo, intitulado Alinhavo, pensado para possibilitar a continuidade da experiência de forma autônoma e segura, inclusive em casa. A seguir, apresentamos os fundamentos teóricos que embasaram nossa proposta, os trabalhos dos artistas escolhidos como disparadores do processo criativo, bem como as propostas educativas desenvolvidas e seus respectivos objetivos.

2 Tramar, andar, transgredir

Nos “enlaçamos” em uma abordagem teórica crítica e decolonial, que problematiza as práticas pedagógicas tradicionais na Educação Infantil, especialmente no ensino de Arte. Fundamentados no pensamento de bell hooks (2013), cuja obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, propõe uma pedagogia comprometida com a emancipação, a escuta ativa e a ruptura das hierarquias opressoras historicamente presentes nas instituições escolares.

Para hooks (2013), o processo educativo deve possibilitar a formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer e questionar as estruturas de poder que moldam suas experiências. Essa perspectiva é fundamental para pensarmos um ensino de arte que acolha a diversidade e a pluralidade das infâncias, principalmente quando se propõe uma prática artística tão cheia de estereótipos como o bordado, rompendo com a colonialidade do saber e do ser (Quijano, 2005).

Do mesmo modo, dialogamos com Martins e Picosque (2012), que, na pesquisa intitulada “Mediação cultural para professores andarilhos na cultura”, apresentam o conceito do professor como “andarilho” da cultura, um mediador sensível, que se desloca e escuta as múltiplas expressões culturais das crianças, valorizando suas linguagens poéticas e promovendo o trânsito entre diferentes territórios simbólicos. Essa abordagem convida a uma prática docente

que, em vez de fixar-se em modelos rígidos, acolhe o movimento, a sensibilidade e a transformação constante, elementos essenciais no contato com a arte contemporânea e na construção de uma Educação Infantil inovadora.

Escolhemos trabalhar o bordado como prática pedagógica justamente por acreditarmos em seu potencial de articulação entre o contemporâneo e o decolonial, bem como por suas dimensões simbólicas, políticas e motoras.

O bordado é historicamente um símbolo de resistência e expressão, frequentemente associado a práticas invisibilizadas e desvalorizadas, sobretudo por seu vínculo com o universo feminino e o trabalho doméstico (hooks, 2019). Resgatá-lo na escola representa um gesto político que questiona hierarquias tradicionais do saber e da arte, valorizando um fazer manual carregado de narrativas e afetos. Aliado a isso, compreendemos que as relações de gênero que o bordado carrega socialmente e do desconhecimento dele enquanto linguagem artística o afasta das ações pedagógicas. bell hooks (2019) ressalta que práticas culturais associadas ao universo feminino foram historicamente desvalorizadas, pois esses saberes estão diretamente ligados às estruturas de gênero, raça e classe.

Ademais, o bordado se constitui como uma linguagem pouco explorada no ambiente escolar, pois à princípio, remete ao perigo das crianças manipularem agulhas. Entretanto, observamos que ele se apresenta como uma possibilidade de ampliação do repertório estético e fomento do contato com técnicas que desenvolvem habilidades motoras, concentração e criatividade, pois sua prática envolve não apenas o domínio técnico, mas também o exercício da paciência, do cuidado e do ritmo, aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil.

A aproximação com artistas locais que utilizam o bordado em suas obras, como Rick Rodrigues e Lorena Valiate, reforça o compromisso com uma educação decolonial, com referências culturais próximas e significativas para as crianças. Isso contribui para uma democratização do acesso à arte contemporânea, aproximando os saberes e as estéticas locais e proporcionando experiências que dialoguem com a vivência das crianças.

Assim, a escolha do bordado como prática educativa, artística e pedagógica com as produções dos artistas locais, articula-se diretamente com a abordagem teórica crítica e decolonial que orienta este estudo: tramar fios

manuais que geram redes de conexão entre as crianças e educadores; bem como andar por territórios culturais diversos transgredindo as práticas hegemônicas da Educação Infantil para construir um espaço de ensino que valorize e desperte a sensibilidade, o pensamento crítico e a potência criadora das crianças.

2.1 Poéticas Têxteis na Escola

Neste momento, apresentamos um relato de experiência que parte das nossas cartografias afetivas² e memórias para explorar o bordado como prática pedagógica sensível, colocando o toque e a materialidade no centro do aprendizado em artes. Ao construir um percurso metodológico pautado na percepção sensorial, na troca de afetos e na problematização compartilhada, pretendemos demonstrar o valor formativo do bordado para a docência em Artes, contribuindo para práticas educativas mais inclusivas, engajadoras e reflexivas. Sendo assim, apresentamos aqui, nossa abordagem de poéticas têxteis na Educação Infantil.

Inicialmente formamos uma meia-lua com as crianças em frente a uma televisão, fizemos algumas perguntas para verificar o conhecimento prévio sobre o tema e permitimos que expressassem suas especulações. A maioria da turma afirmou não estar familiarizada com o bordado, mas alguns o relacionaram à costura ou o associaram às roupas. Fizemos então, uma breve apresentação explicando o bordado, como técnica que é utilizada na moda, na decoração, como um passatempo e perguntamos se essas coisas poderiam ser um trabalho de arte.

Em seguida, apresentamos o artista Rick Rodrigues, por meio de imagens de seu trabalho de bordado em diferentes suportes (Imagens 01 e 02), mostrando que um artista do mesmo estado que elas faz esses trabalhos de arte com bordado; e tentando criar uma aproximação afetiva-territorial, perguntando quem já viu ou já foi até a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e mencionando que, tanto o Rick quanto nós, realizamos o curso de Artes nesta universidade.

² Para saber mais acesse: GÓES, Margarete Sacht. Cartografias Afetivas: Enfrentamentos para tornar-se professor/a da/na Educação Infantil. In: Margarete Sacht Góes. (Org.). (Inter) conexões da arte contemporânea com crianças e formação de professoras/es. 01ed.Vitória: Digital ProEx, 2024, v. 01, p. 350-370. ISBN: 978-85- 652767-95.

Dessa forma, as crianças foram se relacionando com a gente, contando que já passaram em frente ou até que fizeram visitas à UFES; e íamos mediando assim, perguntando se passaram pelas galerias, se viram algum parquinho com escorregadores e balanços ou pássaros, assim como é abordado nos trabalhos do Rick.

Imagem 01. Rick Rodrigues. Sem título, 2017. Série “[quase] um lar para habitar”. Bordado sobre tecido de algodão branco, 29 cm x 24 cm.

Imagem 02. Rick Rodrigues. Sem título, 2020. Série “Talvez um dia ainda seja possível”. Bordado sobre caixa de remédios, 18,8 cm x 16,8 cm.



Fonte: <https://www.rickrodrigues.com/fiartudo?pgid=kjw7spjz-bdbd5c70-c2dc-468f-bffa-ba48860111c8> . Acesso em: 28 maio 2025.

Fonte: <https://www.rickrodrigues.com/fiartudo?pgid=kjw7spjz-543a8334-18ad-4f5a-bbc2-a99b0bddbe26> . Acesso em: 28 maio 2025.

Para enriquecer o momento de apresentação da proposta, trouxemos para a roda alguns trabalhos autorais da artista e estagiária, Lorena Valiate, que compartilhou com as crianças suas experimentações com bordado em folhas naturais (Imagens 03 e 04). A escolha por apresentar um exemplo físico, feito por alguém presente, tem o objetivo de aproximar ainda mais as crianças da linguagem proposta, tornando o processo mais significativo e instigante.

Sentadas em círculo no chão, Lorena iniciou a demonstração da técnica, manuseando a agulha diretamente sobre a folha, enquanto as crianças a observavam com atenção. A resposta foi imediata: a animação era visível e, rapidamente, surgiram diversas perguntas curiosas e comentários espontâneos.

Imagem 03. Lorena Valiate. Morpho rhetenor, 2022. Bordado à mão direto em folha de Pata-de-vaca (*Bauhinia forficata*), 14cm x 10cm.

Imagem 04. Lorena Valiate. Peixe borboleta mascarado, 2022. Bordado à mão direto em folha de Uva-da-praia (*Coccoloba uvifera*), 10 cm x 10cm.



Fonte: Acervo de Lorena Valiate.

Em seguida, distribuímos alguns dos trabalhos para que as crianças pudessem tocá-las, sentir as texturas da linha sobre a folha, observar os detalhes, a composição e o avesso do bordado. Foi marcante perceber o cuidado com que seguraram cada peça, manuseando-as com delicadeza e interesse genuíno (Imagens 05 e 06), esse momento revelou o quanto a experiência sensorial é fundamental no processo de apreciação artística.

Conforme nos lembra Martins; Picosque (2012), é fundamental dedicar tempo à experiência, ao toque e ao sensorial com as crianças, a fim de obter melhores resultados com as práticas:

A preocupação está em levar os aprendizes a saber-perceber conduzido pela experiência perceptiva de olhar, de escutar, de tocar. Para isso é preciso oferecer a nutrição apresentando o objeto cultural sem pressa, desacelerando o tempo para que o corpo possa vagar e coletar impressões, sensações, se deixando invadir pela estesia, pelo saber sensível. Criar a oportunidade dessa lentidão para olhar, escutar ou tocar é deixar o corpo tomar a iniciativa e agir na ação silenciosa movente da coleta sensorial. É permitir que o corpo trance uma rede complexa de relações sensíveis e perceptivas sobre o que vê, escuta, toca, vivenciando sensibilidade gestadas na sensação (Martins. Picosque, 2012, p. 36).

Imagem 05 e 06. Diálogos e apreciações.



Fonte: Acervo de Lorena Valiate.

A escuta, o olhar e o toque vivenciados na etapa inicial, tornaram a próxima fase, a prática do bordado, mais libertadora, envolvente e convidativa para as crianças. Em seguida, passamos às instruções, demonstrando de forma minuciosa e pausada os gestos básicos da costura e do alinhavo: como passar a agulha pelo suporte e puxar a linha até o final. Também incentivamos a criação de composições livres, utilizando linhas de diferentes cores, de modo que cada criança pudesse experimentar o bordado a partir de suas próprias escolhas estéticas e ritmos.

Na primeira atividade prática com as crianças, utilizamos linhas, agulhas de plástico sem ponta próprias para tapeçaria e quadrados de tecido de talagarça, material com tramas largas que facilita a passagem da agulha sem a necessidade de perfurar. Assim, a escolha da talagarça se deu justamente por sua acessibilidade e segurança. Cada grupo recebeu seu conjunto de materiais, e, ao longo da atividade, prestamos apoio individualizado, em colaboração com a professora regente, nossa supervisora de estágio.

Considerando o tempo limitado da aula, preparamos antecipadamente os fios de linha em tamanhos adequados, o que agilizou a dinâmica. Um dos principais desafios enfrentados pelas crianças foi o ato de passar a linha pelo buraco da agulha - uma etapa que exige coordenação motora fina e paciência, especialmente para essa faixa etária. Algumas crianças conseguiram realizar essa etapa de forma autônoma, enquanto outras solicitaram ajuda, o que nos fez atuar de maneira sensível, respeitando o ritmo de cada uma.

O que mais nos chamou atenção foi o envolvimento intenso das crianças ao longo de toda a proposta. Pudemos observar concentração, interesse e

entusiasmo pela atividade. Um aspecto especialmente marcante foi perceber que, aquelas crianças que normalmente apresentavam comportamentos mais dispersos ou até mesmo pouca participação, se engajaram de forma ativa e expressaram satisfação com o próprio trabalho (Imagens 07 e 08). Isso reforça a potência do fazer artístico como ferramenta de expressão, pertencimento e desenvolvimento integral.

Imagens 07 e 08. Prática e trabalhos realizados na primeira proposta de atividade.



Fonte: Acervo de Lorena Valiate.

Outro ponto significativo foi a ausência de estigmas de gênero em relação à prática do bordado. Em nenhum momento o bordado foi associado à uma “atividade feminina”, o que nos levou a refletir sobre como certas ideias preconcebidas são, muitas vezes, construções impostas pelos adultos. O ambiente escolar, quando bem conduzido, pode justamente se tornar um espaço para desconstrução de estereótipos e ampliação das possibilidades expressivas das crianças.

Como forma de ampliar a experiência vivenciada em sala, desenvolvemos um material educativo chamado “Alinhavo” (Imagens 09 e 10), com o objetivo de proporcionar continuidade à prática do bordado de maneira acessível, lúdica e autônoma. A proposta visava não apenas reforçar os conteúdos trabalhados, mas também estimular a criatividade, a coordenação motora fina e o raciocínio espacial das crianças por meio do brincar.

Imagens 09 e 10. Material educativo, Alinhavo.



Fonte: Acervo de Lorena Valiate.

O alinhavo consistia em uma base de papelão em formato quadrado, perfurada com diversos furos distribuídos aleatoriamente. Escolhemos o papelão por ser um material de fácil acesso para todos que desejarem recriar o material didático, mas também por ser uma referência ao trabalho do Rick Rodrigues que borda também em suportes como o papelão (Imagem 11).

Junto a este suporte, fornecemos linhas e barbantes com uma miçanga presa na extremidade, evitando que o fio escapasse durante o manuseio. O funcionamento era simples e intuitivo: ao passar o fio entre os furos, as crianças criavam desenhos, formas e padrões únicos, de maneira livre e sem a exigência de um modelo pré-definido.

Essa atividade se configurou como um jogo, sem regras fixas nem resultados esperados. O foco estava na exploração sensorial e estética, no ritmo próprio de cada criança e na valorização do processo em vez do produto. Ao manusear o alinhavo, as crianças desenvolvem noções de sequência, direção, controle do movimento e visualização espacial, tudo por meio da brincadeira. Como parte do incentivo à continuidade do aprendizado, cada criança pôde levar o material para casa, promovendo a extensão da experiência para além do espaço escolar e envolvendo, possivelmente, familiares no processo educativo e artístico.

Imagem 11. Rick Rodrigues. Sem título, 2020. Série “Rosa enquanto flor. Rosa enquanto cor. Roza enquanto avó”. Bordado com ponto cruz sobre pedaço de papelão, 38 cm x 27 cm.



Fonte: <https://www.rickrodrigues.com/fiartudo?pgid=kjw7spjz-6a61c161-009d-421c-a8e3-25ab8b187e72> Acesso em: 15 jun 2025.

No processo de elaboração e planejamento da proposta das intervenções para as atividades, nos deparamos com uma série de incertezas e receios quanto à receptividade e ao nível de compreensão das crianças frente à proposta. No entanto, optamos por avançar com a atividade, confiando na potência do fazer artístico como experiência significativa, e os resultados superaram nossas expectativas. Apesar da pouca idade do grupo, foi possível perceber o envolvimento das crianças, bem como a apropriação de aspectos da atividade, ainda que nem todas tenham compreendido integralmente o conceito trabalhado.

Essa vivência reforçou uma reflexão fundamental no exercício docente: a importância de não subestimar a capacidade das crianças de acessar novas linguagens e desafios. A introdução de propostas inovadoras pode, justamente, ser o elemento provocador da curiosidade, da escuta ativa e do engajamento. Muitas vezes, é o contato com o inusitado que desperta o interesse e amplia os horizontes do aprendizado. Como pontuado por Martins e Picosque (2012, p. 18):

Para isso, é preciso acreditar no ser humano, ter confiança de que a semente poderá render frutos. Implica em acreditar no aprendiz e, por

isso, dar crédito à sua voz, desejos e produção, e em encontrar brechas de acesso para a percepção criadora e a imaginação especulante, para ampliar e instigar infinitas combinações, como num caleidoscópio. (Martins; Picosque, 2012, p. 18)

É muito satisfatório se encontrar nesse lugar de artistas e educadores em formação como uma possibilidade de proporcionar às crianças o contato com a linguagem que hoje temos familiaridade. Essa experiência foi enriquecedora tanto para elas quanto para nós, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento de todos. Nesse sentido, nos identificamos com o relato do professor colaborador do capítulo Curadoria Educativa: inventando conversas, quando ele infere que:

Para Pio, a curadoria educativa é um lugar bastante "saboroso", sensível, um território experimental composto de riscos, estados de loucura, de paixão e de criação artística, é um meio de estar entre, entre tantos conhecimentos dos quais o professor provoca e é provocado, alimenta e é alimentado. (Santana, 2009 *apud* Martins; Picosque, 2012, p. 71).

Através dessa experiência com o bordado, percebemos como a expressão artística pode ser um dispositivo poderoso para o ensino e aprendizagem. Estar presente na sala de aula é completamente diferente de estudar a sala de aula. Frequentar esse ambiente nos permite ser afetado, fazendo-nos questionar e repensar as práticas e nos incentivando a buscar novas formas de integrar a arte contemporânea no processo educativo.

Sem essa reflexão e a busca por adaptar a linguagem de forma que fosse acessível para crianças pequenas (transformando a agulha com ponta em uma agulha de plástico sem ponta e o tecido que precisaria ser perfurado em um tecido já com furos), a prática não seria possível. Desta forma, o encontro significativo que vivenciamos durante essa experiência foi essencial para o nosso desenvolvimento tanto profissional quanto pessoal, influenciando a maneira como encaramos a posição de educadores e artistas.

Ademais, foi possível visualizar o potencial educativo do ensino da Arte Têxtil na escola, proporcionando às crianças novas experiências e sensações, diante da variedade de materiais que podem ser utilizados para a construção de tramas e costuras. Portanto, essa prática se revela uma oportunidade de abertura ao sensível e uma educação mais humanizada.

3 Remendar-se

Ao final deste relato, onde linhas e agulhas se tornaram extensões do gesto pedagógico, reafirmamos o bordado como uma prática potente para o ensino de arte na Educação Infantil, principalmente com foco na contemporaneidade e decolonialidade. As crianças, ao explorarem o bordado, não apenas manipulam os materiais, mas remendam sentidos, trabalhando tanto a coordenação motora, quanto a criatividade e o olhar sensível para o estético. Além disso, as práticas que aqui foram relatadas evidenciam que a arte, quando atravessada pela sensibilidade docente, pode ampliar o repertório expressivo das crianças, desmistificar estigmas e promover afetos.

O fazer artístico, nesse contexto, revelou-se como um caminho para os educadores andarilhos, cheio de possibilidades: onde o erro não representa fracasso e o ritmo de cada um é respeitado como pulsação legítima do aprender. Como bell hooks (2013, p. 17) pontua, “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo”. O bordado, com seu ritmo de idas e vindas, ensinou a pausa e o cuidado, e nos lembrou que o conhecimento se entrelaça, muitas vezes, no intervalo entre um ponto e outro. Assim também foi com as crianças, que durante todo o período do estágio iam nos ensinando como é a vida na docência.

Assim, compreendemos que o ensino de Arte não se restringe apenas a transmitir conteúdos, mas a ofertar presenças: corpos atentos, materiais acessíveis e escutas abertas para o que surgir no processo. E quanto ao medo das crianças aprenderem sobre arte contemporânea e assuntos emergentes, acreditamos que é como o medo que imaginam das crianças bordando com agulhas. Apesar de visualizarmos o objeto mais pontiagudo e perfurante, é a agulha que também salva-vidas nos hospitais, que auxilia na acupuntura no tratamento de dores e que também costura fazendo roupas, bordados e porque não arte? É nesse delicado remendo entre o pedagógico e o poético que o aprendizado se sustenta.

Referências

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Teoria feminista:** da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005. (Colección Sur Sur).